

Vivência de puérperas acerca do aleitamento materno

Experience of postpartum women about breastfeeding

Experiencia de mujeres posparto sobre la lactancia materna

Rhany Érica Lobato Leão^{1*}, Ana Cláudia Pinheiro Souza¹, Mariana de Lima Couto¹, Jabneela Vieira Pereira Vetorazo¹.

RESUMO

Objetivo: Verificar a vivência de puérperas acerca do aleitamento materno em uma Maternidade de uma cidade de Rondônia. **Métodos:** Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório com abordagem quali-quantitativo, conduzido com cinquenta puérperas, com idade de 18 a 38 anos, selecionadas durante a internação no alojamento conjunto em uma Maternidade de uma cidade de Rondônia. Um formulário sobre o aleitamento materno foi utilizado como instrumento. **Resultados:** Os resultados revelam que cerca de 34% das entrevistadas não amamentaram anteriormente, 52% das participantes negaram ter recebido orientações sobre o aleitamento materno durante a gestação, 74% referiram que o tempo de amamentação entre o nascimento e a primeira mamada do recém-nascido foi até a primeira hora de vida, 24% relataram ter dificuldade para amamentar, 60% receberam ajuda no Centro de Saúde quando tiveram problema. **Conclusão:** Neste estudo foi possível observar que a maioria das participantes realizou pré-natal, mas isso não assegurou o recebimento de informações e orientações acerca do aleitamento materno, pois a maioria das entrevistadas relatou não ter recebido as mesmas durante as consultas.

Palavras-chave: Aleitamento materno, Enfermagem, Conhecimento, Orientação, Saúde da mulher.

ABSTRACT

Objective: To verify the experience of postpartum women regarding breastfeeding in a maternity hospital in a city of Rondônia. **Methods:** This is a descriptive, exploratory study with a quali-quantitative approach, conducted with fifty postpartum women, aged 18 to 38 years, selected during hospitalization in the rooming-in unit in a Maternity Hospital in a city of Rondônia. A breastfeeding form was used as an instrument. **Results:** The results reveal that about 34% of the interviewees had not breastfed previously, 52% of the participants denied having received orientation on breastfeeding during pregnancy, 74% reported that the breastfeeding time between birth and the newborn's first feed was until the first hour of life, 24% reported having difficulty to breastfeeding, 60% received help at the Health Center when they had a problem. **Conclusion:** In this study it was possible to observe that most participants had prenatal care, but this did not ensure the receipt of information and guidance on breastfeeding, because most of the interviewees reported not having received it during the consultations.

Key words: Breast feeding, Nursing, Knowledge, Orientation, Women's health.

RESUMEN

Objetivo: Verificar la vivencia de las puérperas en relación con el aleitamento materno en una maternidad de una ciudad de Rondônia. **Métodos:** Se trata de un estudio de tipo descriptivo, exploratorio con enfoque cuali-quantitativo, conducido con cincuenta perras, con edad de 18 a 38 años, seleccionadas durante la internación

¹ Centro Universitário Aparício Carvalho, Porto Velho – RO. *E-mail: ericalobato97@gmail.com

en el alojamiento conjunto en una Maternidad de una ciudad de Rondônia. Se utilizó como instrumento un formulario sobre la lactancia materna. **Resultados:** Los resultados revelan que cerca de 34% de las entrevistadas no había amamantado anteriormente, el 52% de las participantes negó haber recibido orientación sobre la lactancia materna durante el embarazo, el 74% informó que el tiempo de lactancia entre el nacimiento y la primera toma del recién nacido fue hasta la primera hora de vida, el 24% informó haber tenido dificultades para amamantar, el 60% recibió ayuda en el Centro de Salud cuando tuvo algún problema. **Conclusión:** En este estudio, se pudo observar que la mayor parte de las participantes tuvieron atención prenatal, pero esto no aseguraba la recepción de información y orientación acerca de la lactancia materna, ya que la mayor parte de las entrevistadas reportaron no haberla recibido durante las consultas.

Palabras clave: Lactancia materna, Enfermería, Conocimiento, Orientación, Salud de la mujer.

INTRODUÇÃO

O leite humano é uma excelente fonte nutricional para o Recém-Nascido (RN), pois possui todos os nutrientes necessários para a criança, e os mesmos, irão favorecer o crescimento e desenvolvimento (FERREIRA GR, et al., 2016). Desta forma, o ideal é que o bebê seja alimentado preferencialmente de forma exclusiva, somente com leite materno, até os seus primeiros seis meses de vida, e após esse período, de maneira complementar até completar dois anos de idade (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

De acordo com Souza FLL, et al. (2021), o processo do aleitamento traz inúmeros benefícios para a mulher, pois reduz o peso rapidamente após o parto, auxilia no processo de involução uterina, que é a diminuição do tamanho do útero, para o seu tamanho normal, diminui o risco de hemorragia e de anemia após o parto, reduz o risco de desenvolvimento de diabetes tipo 2, o risco de câncer de mama e ovário; se a amamentação for exclusiva, pode ser um método natural para evitar uma nova gravidez.

Conforme Visintin AB, et al. (2015), a compreensão das mães sobre aleitamento materno influencia diretamente em como elas devem proceder diante a amamentação, pois sem o conhecimento suficiente, elas estão mais propícias a desenvolver problemas ao amamentar. As primíparas normalmente possuem mais dificuldades ao amamentar, pelo fato de não ter tido nenhuma experiência anteriormente (ALEIXO TCS, et al., 2019).

Santiago LB e Santiago FGB (2014), afirmam que os principais problemas ao amamentar são em consequência de técnicas incorretas ao realizar a amamentação. Para uma técnica ser realizada de forma correta é imprescindível que mãe e filho estejam posicionados de forma a facilitar à pega, que ocorra o contato pele a pele, que a boca do bebê tenha uma boa abertura, o lábio inferior esteja voltado para fora, desta forma o bebê terá êxito na sucção do leite.

Segundo Barros MF (2018), as intercorrências mamárias estão entre os principais fatores que levam ao desmame precoce. Complicações como ingurgitamento mamário, bloqueio dos ductos mamários, fissuras mamilares, dor, entre outros problemas, irão refletir não só na saúde da mãe, mas na amamentação do recém-nascido, pois a mãe não terá condições de amamentar devido às dores, as dificuldades e as impossibilidades que essas complicações ocasionam.

Os profissionais de saúde devem estar preparados para responder às necessidades dessas mulheres, pois muitas destas intercorrências podem ser previamente evitadas desde que as mesmas estejam bem assistidas pela equipe (VIDUEDO AFS, et al., 2015).

É notório que a não iniciativa e a falta de interesse da parte de algumas mulheres em relação aos cuidados durante a amamentação, contribuem para a existência de dificuldades e complicações durante o período de amamentação, porém a carência de instruções e conversa da parte dos profissionais de saúde também é um dos fatores que influenciam nessa problemática. É de suma importância que haja troca de informações entre mãe e profissional para que se tenha êxito na qualidade do processo de aleitamento materno (ESCARCE AG, et al., 2013).

Em vista disso, o objetivo desse estudo foi verificar a vivência de puérperas acerca do aleitamento materno em uma maternidade de uma cidade de Rondônia.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, exploratório com abordagem quali-quantitativo. A população de estudo foi composta por cinquenta puérperas, com idade de 18 a 38 anos que estavam internadas no alojamento conjunto de uma maternidade de uma cidade de Rondônia, e que aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) condicionando a respectiva participação voluntária, sendo assegurado o anonimato mediante utilização de um código alfanumérico (P1...P50). Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Aparício Carvalho (FIMCA) sob o parecer número 4.752.506.

Depois de orientadas quanto o objetivo do estudo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido já assinado, foi realizada a entrevista com registro em formulário contendo 29 questões, sendo elas abertas e fechadas, contendo variáveis relacionadas à assistência no pré-natal (realização de pré-natal, histórico de amamentação, tempo entre o nascimento e a primeira mamada, dificuldade na amamentação, orientações sobre o aleitamento materno durante o pré-natal) e à avaliação do entendimento sobre aleitamento materno (tempo recomendado de aleitamento materno exclusivo, problemas decorrentes da amamentação, preparo das mamas, posicionamento do filho para dá de mamar, intervalo entre as mamadas e o tipo de pega). A coleta de dados ocorreu em agosto de 2021, após anuência da Secretaria Municipal de Saúde (SEMUSA) e aprovação do comitê de ética e pesquisa.

A seleção das participantes obedeceu aos seguintes critérios de inclusão: puérperas tanto primíparas como múltíparas com idade superior a 18 anos, as quais tivessem tido filhos recentemente. Os critérios de exclusão levaram em conta as puérperas que apresentaram alguma condição que impossibilita a prática do aleitamento materno e/ou são portadoras de síndromes.

Para responder o objetivo do presente estudo, formulou-se a seguinte questão norteadora: “Como o processo do aleitamento materno é vivenciado pelas puérperas?”.

RESULTADOS

Foram avaliadas 50 puérperas, sendo observado que a maioria delas estavam na faixa etária de 18 aos 25 anos. Em relação à escolaridade, 64% das participantes disseram ter ensino incompleto, e 46% disseram serem donas de casa. Quanto ao estado civil, 44% possuem união estável. De todas as participantes entrevistadas, 74% relataram parto normal. Cerca de 34% das entrevistadas não amamentaram anteriormente. Quando questionadas sobre o tipo de amamentação realizada anteriormente, 54% das entrevistadas responderam amamentação exclusiva. Outros aspectos demográficos e socioeconômicos estão apresentados na **Tabela 1**.

A **Tabela 2** apresenta informações sobre aleitamento materno. Onde é possível observar que 100% das entrevistadas realizaram o pré-natal. A respeito das orientações sobre amamentação, verificou-se que 52% das participantes negaram ter recebido orientações acerca do aleitamento materno durante a gestação, já 48% das participantes afirmaram que foram informadas, 46% responderam que as informações foram passadas na UBS, sendo que 44% dessas informações foram passadas por enfermeiros. Observou-se que quando as puérperas foram indagadas sobre o tempo de amamentação exclusiva, 86% responderam ser até os seis primeiros meses de vida do bebê.

Tabela 1 - Características demográficas e socioeconômicas das puérperas entrevistadas, n=50.

Variável	N	%
Idade		
18-25	31	62
26-38	19	38
Escolaridade		
Ensino incompleto	32	64
Ensino completo	18	36
Profissão		
Dona de casa	23	46
Autônoma	5	10
Estudante	3	6
Outras	19	38
Estado civil		
União estável	22	44
Solteira	20	40
Casada	8	16
Nº de filhos (incluindo o atual)		
Um	17	34
Dois	18	36
Três	5	10
Quatro	7	14
Cinco	3	6
Amamentou anteriormente		
Sim	33	66
Não	17	34
Tipo de amamentação que realizou anteriormente		
Exclusiva	27	54
Mista	4	8
Predominante	2	4
Primíparas	17	34
Tipo de parto		
Normal	37	74
Cesárea	13	26
Total	50	-

Fonte: Leão REL, et al., 2021.

Tabela 2 - Informações sobre aleitamento materno, n=50.

Variável	N	%
Realizou o pré-natal		
Sim	50	100
Não	-	-
Informada sobre aleitamento materno durante a gravidez		
Sim	24	48
Não	26	52
Onde recebeu as informações		
UBS	23	46
Hospital/Maternidade	1	2
Nenhuma informação	26	52
Profissional que informou		
Enfermeiro	22	44
Médico da família	2	4
Nenhuma informação	26	52
Quantidade de informações obtidas		
1-3	5	10
4-6	19	38
Nenhuma informação	26	52
Tempo de amamentação exclusiva		
Até os 6 meses de vida do bebê	43	86
Enquanto a criança aumentar de peso adequadamente	3	6
Não soube responder	4	8
Total	50	-

Fonte: Leão REL, et al., 2021.

Cerca de 100% das puérperas disseram estar amamentando no momento, sendo 98% delas de forma exclusiva e 2% das mães referiram o uso de complemento alimentar para o RN ainda na maternidade. Sobre a variável “posição do filho para dá de mamar”, 72% relataram a posição: deitado, seguido de 16% inclinado e 12% sentado. Grande parte das entrevistadas, 74% responderam que o tempo de amamentação entre o nascimento e a primeira mamada do recém-nascido foi até a primeira hora de vida.

Quando questionadas sobre os sinais de pega, grande parte das participantes relataram sinais de pega incorreta ao amamentar, cerca de 60%. Em relação a como amamenta o filho, 34% das entrevistadas relataram “oferecer a mama quando o filho tem fome”, seguido de 24% que responderam que a “mamada termina quando ele quer parar”, 18% pontuaram intervalo de três em três horas, e 14% citaram que o RN “mama até não querer mais em uma mama e depois ela oferece a outra”. Destaca-se ainda, que menos da metade das puérperas, 44% disseram lavar as mamas após o término da mamada, 38% não tem nenhum cuidado específico com a mama e 18% estão divididas entre “espremer umas gotinhas de leite e espalhar no mamilo para ajudar na hidratação” ou “aplicam pomada/creme”. Cerca de 26% das entrevistadas disseram conhecer/realizar massagem nas mamas (**Tabela 3**).

Tabela 3 - Prática da amamentação, n=50.

Variável	N	%
Amamenta agora		
Sim	50	100
Não	-	-
Tipo de amamentação		
Exclusiva	49	98
Mista	1	2
Posicionamento do filho para dá de mamas		
Deitado	36	72
Inclinado	8	16
Sentado	6	12
Aleitamento materno no hospital		
Sim	50	100
Não	-	-
Quando amamentou pela primeira vez		
Durante a 1ª hora de vida do bebê	37	74
Depois da 1ª até à 6ª hora	13	26
Afirmações quanto aos sinais de pega		
Pega incorreta	30	60
Pega correta	19	38
Não soube responder	1	2
Como amamenta o filho		
Dou a mama quando ele tem fome	17	34
A mamada termina quando ele quer parar	12	24
Mama de 3-3horas	9	18
Mama até não querer mais em uma mama e depois ofereço a outra	7	14
Mãe e criança devem estar posicionadas de forma a promover a pega correta	5	10
Cuidados com a mama após a mamada		
Lava sempre a mama, sem produtos agressivos	22	44
Não tem nenhum cuidado específico com a mama	19	38
Espreme umas gotinhas de leite e espalha no mamilo e à sua volta e deixa secar	8	16
Aplica uma pomada ou creme	1	2
Conhece ou já fez alguma das técnicas mamárias		
Massagem das mamas	13	26
Ordenha manual	12	24
Usar sutiã adequado	11	22
Uso de compressa fria em caso de ingurgitamento	5	10
Nenhuma das técnicas	9	18
Total	50	-

Fonte: Leão REL, et al., 2021.

Na **Tabela 4** podem-se observar os relatos sobre dificuldades durante a amamentação, onde é possível verificar que 24% das mães apresentaram alguma dificuldade ao amamentar. Destas, 46% referiram fissura mamilar e dor, 20% ingurgitamento mamário e bloqueio dos ductos. Constatou-se que 38% das puérperas receberam ajuda de enfermeiros do Centro de Saúde.

Tabela 4 - Dificuldades durante a amamentação, n=50.

Variável	N	%
Problemas ao amamentar		
Fissura e dor	23	46
Ingurgitamento mamário e bloqueio dos ductos	10	20
Nenhum problema	17	34
Dificuldade ao amamentar		
Sim	12	24
Não	32	64
Às vezes	6	12
Recebeu ajuda no Centro de Saúde quando teve o problema		
Sim	30	60
Não	20	40
Profissional que a ajudou		
Enfermeiro	19	38
Médico	6	12
Fonoaudiólogo	2	4
Pediatra	1	2
Obstetra	1	2
Técnico de Enfermagem	1	2
Nenhum	20	40
Total	50	-

Fonte: Leão REL, et al., 2021.

Das 50 participantes, 64% relataram não ter nenhuma dificuldade ao amamentar, 34% relataram que sua maior dificuldade é a pega correta, conforme se apresenta nos relatos a seguir:

“Minha maior dificuldade é a pega correta, pois o bebê só pega o bico” (P7). “A maior dificuldade é fazer com que o bebê pegue a aréola, pois o mesmo só pega o mamilo” (P17).

“Tenho dificuldade em amamentar devido estar com fissuras mamilares” (P28).

“O bebê não quer pegar” (P34).

E 2% relatou ter dificuldade para amamentar devido ao desenvolvimento de fissuras.

DISCUSSÃO

Neste estudo, constatou-se que a média de idade das mães foi entre 18 e 25 anos, a maioria é dona de casa e possuíam no mínimo dois filhos, referiram grau de escolaridade incompleto. Em uma pesquisa realizada por Escarce AG, et al. (2013), em um Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), é possível observar que a média de idade das puérperas foi de 26 anos, sendo que a maioria não trabalhava, possuía no mínimo dois filhos, ensino médio completo e renda familiar entre um e dois salários mínimos.

Em relação ao número de filhos, cerca de 36% das participantes desta pesquisa referiram ter ao menos dois filhos. Em contrapartida Barbosa GEF, et al. (2017) aponta em seu estudo que 43,5% das entrevistadas são mães de primeira viagem.

Observou-se nesta pesquisa que 74% das entrevistadas tiveram parto normal. Enquanto que em outro trabalho, o parto cesárea foi predominante, onde cerca de 53% das participantes da pesquisa precisaram ser submetidas a uma cirurgia para dar à luz (ROCHA FNPS, et al, 2018). Apesar da maioria das entrevistadas terem realizado o pré-natal, grande parte das puérperas relataram não ter recebido nenhuma informação

acerca do aleitamento materno. Em contrapartida pode-se observar em um estudo realizado em um Hospital Público do interior do Estado de Minas Gerais, que o mesmo relata que 59,4% das participantes receberam orientações e informações acerca do aleitamento materno no decorrer das consultas de pré-natal (ALEIXO TCS, et al., 2019).

Viduedo AFS, et al. (2015), realizou um estudo descritivo, retrospectivo e documental no período de janeiro de 2009 a dezembro de 2013 em hospitais públicos de Ribeirão Preto - SP, onde 66,7% das participantes foram orientadas quanto ao aleitamento materno no decorrer do pré-natal. Outro estudo aponta que 51,7% das puérperas não obtiveram nenhuma orientação sobre aleitamento materno no decorrer das consultas de pré-natal (ROCHA FNPS, et al, 2018).

Conforme o Ministério da Saúde (2012), o enfermeiro deve informar às gestantes questões relacionadas aos benefícios da amamentação, orientações quanto às técnicas de amamentação e ordenha no decorrer de seu pré-natal. Rocha FNPS, et al. (2018), afirma que as informações e orientações acerca da amamentação são de grande importância para que se tenha êxito ao se colocar em prática, assim como também sua falta pode ter como consequência o desmame precoce. É ainda no pré-natal que as mulheres devem receber orientações sobre amamentação, expor suas inseguranças e medos, e sanar suas dúvidas quanto à prática da mesma para que se possam evitar complicações futuras.

É de suma importância que o enfermeiro realize a avaliação da mamada e sucção do RN, para que possam ser identificados precocemente, problemas iniciais com o processo de amamentação. Estes geralmente ocorrem ainda nas primeiras 24 horas após a mãe iniciar o aleitamento materno (BARBOSA GEF, et al., 2017).

Quanto a predominância de mães que não amamentaram anteriormente, encontrou-se em um estudo descritivo realizado em uma maternidade, no município de São Mateus-ES, um percentual de 51,7% de participantes que nunca vivenciaram a amamentação (VISINTIN AB, et al., 2015).

Em um estudo prospectivo, observacional e analítico realizado de janeiro a dezembro de 2015, em um município de Minas Gerais, apontou que o número de neonatos amamentados na primeira hora de vida foi de 53,7%, e que 24,6% das mães participantes referiram uso de complemento alimentar infantil ainda na maternidade (BARBOSA GEF, et al., 2018). Em contrapartida um estudo desenvolvido por Rocha FNPS, et al. (2018), em uma maternidade de alta complexidade da cidade do Recife – PE, apontou que 41,4% das puérperas amamentaram após a primeira hora de vida do bebê.

Em um trabalho realizado no Alojamento Conjunto da Santa Casa de Irati - PR demonstrou que 55% das duplas analisadas, apresentaram ao menos uma dificuldade ao realizar a amamentação, entre as dificuldades encontradas é possível destacar: “mãe com ombros tensos e inclinada sobre o bebê”, “bebê não mantém a pega da aréola”, “tecido mamário com escoriações, fissuras, vermelhidão” e “sucção: “lábio inferior voltado para dentro” e “não se vê a língua do bebê” (MOSELE PG, et al, 2014).

Um trabalho desenvolvido no Banco de Leite Humano de São Luís - MA aponta a frequência das complicações no aleitamento materno sendo: 53% dor nos mamilos, 50% fissuras e rachadura, 30% mamilos machucados, 25% ingurgitamento mamário, 12% candidíase, 8% mastite (CASTRO BES, 2018). Chaves ALSO, et al. (2016), constataram que dentre as intercorrências mamárias mais frequentes estão: fissura com 36,19%, mamilo invertido/pseudo-invertido com 12,86%, candidíase mamilar com 11,43% e ingurgitamento mamário com 8,10%.

Segundo pesquisa realizada por Viduedo AFS, et al. (2015), cerca de 96,5% das mães desenvolveram algum problema mamário, dentre eles pode-se destacar que 52,6% das puérperas tiveram traumas mamilares, 18,4% ingurgitamento mamário e 6,1% mastite.

Amaral LJXR, et al. (2015), orientam sobre as formas de prevenção de traumas mamilares dentre elas, realizar o posicionamento e pega correta na amamentação, expor os mamilos a luz solar e mantê-los sempre limpos e secos, amamentação por livre demanda, em casos de mama ingurgitada realizar a ordenha manual antes de amamentar.

Vale destacar que a dificuldade na amamentação pode contribuir para o desenvolvimento de problemas quanto ao processo de amamentação. Como Barbosa GEF, et al. (2017), expõem em sua pesquisa, uma alta prevalência de condições relacionadas às dificuldades iniciais com a técnica da amamentação.

Quanto ao conhecimento sobre o preparo das mamas para amamentação, Visintin AB, et al. (2015), destacam que 65,6% das mães não sabem como realizar esse preparo. Dessa forma, o resultado é preocupante, pois ainda no pré-natal é que a gestante deve receber orientações quanto a esses cuidados. Outro achado que chama atenção é o conhecimento sobre a pega correta, onde um elevado número de puérperas, cerca de 66,9% desconhecem essa técnica.

Barbosa GEF, et al. (2017), destacam que é de grande importância a avaliação das dificuldades relacionadas ao aleitamento materno ainda na maternidade, pois, é de forma simples e sem custos. O autor defende a ideia de que essa avaliação deveria ser incorporada aos critérios de alta hospitalar, a fim de identificar e auxiliar mãe-filho que apresentam alguma dificuldade na amamentação, pois com as orientações certas as mães teriam menores taxas de problemas relacionadas à amamentação e fortaleceria ainda mais o vínculo entre mãe-bebê.

É importante salientar que o manejo clínico da amamentação, realizado com as nutrizes, deve ser feito no alojamento conjunto e o mesmo é de grande valia, pois irá passar mais segurança às puérperas quanto à importância da amamentação após alta hospitalar (COSTA EGF, et al., 2018). Quanto ao apoio dos profissionais de saúde ao aleitamento materno, observou no presente estudo que existe a busca de ajuda pelas mães, no entanto os profissionais que deveriam acolher essas lactantes impõem muitas normas e regras, acuando e trazendo insegurança para essas mulheres (OLIVEIRA CS, et al., 2015).

CONCLUSÃO

Observou-se neste estudo que todas as participantes realizaram o pré-natal, mas, isso não assegurou o recebimento de informações e orientações acerca da amamentação, pois, a maioria relatou não as ter recebido durante as consultas. Através desta pesquisa, foi observada uma deficiência significativa no atendimento e amparo às puérperas, grande parte dessas mães encontravam-se perdidas e com pouco conhecimento sobre as técnicas de aleitamento. A falta de capacitação e compromisso da equipe é uma barreira que pode levar as mães a manifestar o desinteresse e desestímulo ao amamentar. Sendo assim, torna-se necessário haver um preparo teórico/prático, como também implementar uma linha de cuidados e desenvolvimento estratégias a fim de qualificar a assistência desses multiprofissionais.

REFERÊNCIAS

1. ALEIXO TCS, et al. Conhecimento e análise do processo de orientação de puérperas acerca da amamentação. *Revista de Enfermagem da UFSM*. 2019; 9(59): 1-18.
2. AMARAL LJXR, et al. Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrizes. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2015; 36: 127-134.
3. BARBOSA GEF, et al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. *Revista Paulista de Pediatria*. 2017; 35(3): 265-272.
4. BARBOSA GEF, et al. Dificuldades iniciais com a técnica da mamada e impacto na duração do aleitamento materno exclusivo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. 2018; 18(3): 527-537.
5. BARROS MF. Intercorrências locais: prevenção, diagnóstico e tratamento. In: *Amamentação*. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO); 2018. Cap. 4, p. 27-40.
6. CASTRO BÉS. Orientações sobre amamentação no pré-natal e intercorrências mamárias em mães assistidas pelo banco de leite humano em São Luís, Maranhão. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2018.
7. CHAVES ALSO, et al. Intercorrências mamárias relacionadas à lactação: estudo envolvendo nutrizes atendidas em um banco de leite humano do Recife– PE. Faculdade Pernambucana de Saúde. 2016.
8. COSTA EFG, et al. Atuação do enfermeiro no manejo clínico da amamentação: estratégias para o aleitamento materno. *Rev Fund Care Online*. 2018; 10(1): 217-223.
9. ESCARCE AG, et al. Influência da orientação sobre aleitamento materno no comportamento das usuárias de um hospital universitário. *Rev. CEFAC*. 2013; 15(6): 1570-1582.

10. FERREIRA GR, et al. O papel da enfermagem na orientação do aleitamento materno exclusivo. *Conexão Eletrônica*. 2016; 13(1): 1-18.
11. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco. Série A. Normas e Manuais Técnicos, Cadernos de Atenção Básica, nº 32. Brasília – DF: Brasil, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_32_prenatal.pdf. Acesso em: 09 de setembro 2020.
12. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. 2. ed. Brasília – DF: Brasil, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 08 de outubro de 2021.
13. MOSELE PG. Instrumento de avaliação da sucção do recém-nascido com vistas à alimentação ao seio materno. *Rev. CEFAC*. 2014; 16(5): 1548-1557.
14. OLIVEIRA CS, et al. Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2015; 36: 16-23.
15. ROCHA FNPS, et al. Caracterização do conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno. *Revista de Enfermagem*. 2018; 12(9): 2386-92.
16. SANTIAGO LB, SANTIAGO FGB. Aleitamento materno: técnica, dificuldades e desafios. *Residência Pediátrica*. 2014; 4(3)(Supl. 1): S23-S30.
17. SOUZA FLL, et al. Benefícios do aleitamento materno para a mulher e o recém-nascido. *Research, Society and Development*. 2021; 10 (2) e12710211208.
18. VIDUEDO AFS, et al. Mastite lactacional grave: particularidades da internação à alta. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2015; 68(6): 1116-1121.
19. VISINTIN AB, et al. Avaliação do conhecimento de puérperas acerca da amamentação. *Enfermagem em Foco*. 2015; 6(1/4): 12-16.